



## Conhecer-se, aceitar-se, superar-se: a centralidade do “eu” na espiritualidade da Comunidade Católica Shalom

Knowing yourself, accepting yourself, overcoming yourself: the centrality of the “self” in the spirituality of the Shalom Catholic Community

Emanuel Freitas da Silva<sup>1</sup>  
Guilherme Ximenes Castelo Branco<sup>2</sup>

**Resumo:** As transformações sociais pelas quais o mundo contemporâneo atravessa faz emergir e solidificar a figura do indivíduo em suas diversas dimensões, promovendo usos de um conjunto de saberes que o tomam como objeto, permitindo-nos observar uma “psicologização” de diversas esferas da vida social. Uma delas é a religião, que se vê capturada pelos imperativos da individualização, dirigindo sua mensagem pautando-se pelos imperativos do “eu” para atender demandas cada vez mais singularizadas. O objetivo deste artigo é analisar um itinerário de formação proposto como caminho espiritual por uma comunidade do catolicismo carismático centrado na ideia de autoconhecimento para a conquista e manutenção de membros em seu trabalho evangelizador.

**Palavras-chave:** Catolicismo Carismático. Psicologia da Religião. Shalom.

**Abstract:** The social transformations that the contemporary world is going through make the figure of the individual emerge and solidify in its various dimensions, promoting the use of a set of knowledge that takes it as an object, allowing us to observe a “psychologization” of different spheres of social life. One of them is religion, which finds itself captured by the imperatives of individualization, directing its message based on the imperatives of the “I” to meet increasingly singular demands. The objective of this article is to analyze a formation itinerary proposed as a spiritual path by a community of charismatic Catholicism centered on the idea of self-knowledge for gaining and maintaining members in their evangelizing work.

**Key-words:** Charismatic Catholicism. Psychology of Religion. Shalom.

---

<sup>1</sup>Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará. Desenvolve pesquisas nas áreas de Sociologia da Religião e Sociologia Política, com destaque para a atuação de atores religiosos na política e nas eleições, sendo atualmente bolsista de produtividade (BPI/FUNCAP). <https://orcid.org/0000-0001-6304-4316>. E-mail: emanuel.freitas@uece.br.

<sup>2</sup>Mestrando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará, onde realiza pesquisa sobre catolicismo e grupos LGBTQIA+. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: ximenes\_guilherme@hotmail.com.

## Introdução

Entre os dias 03 e 05 de outubro de 2023, um conjunto de três *lives* foi transmitido pela conta da *Shalom Play* no *Instagram*. Um dos canais da Comunidade Católica Shalom (CCSh) naquela rede social, é de sua responsabilidade divulgar os produtos midiáticos e os eventos realizados pela referida Comunidade, assim como transmitir *lives* de vital importância para o trabalho missionário por ela desenvolvido, com destaque para o lançamento de cursos e livros de autoria de algum de seus membros. Naqueles dias, transmitia-se o evento “*Supera-te*”, apresentado como a proposição de um itinerário para a cura interior destinado a todos aqueles que quisessem compreender-se melhor e “destravar” o caminho para seu “encontro com Deus”. Em cada um dos dias, um desafio: *conhecer-se*, no primeiro; *aceitar-se*, no segundo; e *superar-se*, no terceiro.

O objetivo deste artigo, dentro da proposta do dossiê *Psicologia da Religião*, é o de analisar as relações entre espiritualidade e saber psicológico produzidas no referido evento a partir do imperativo posto ao sujeito: o de *superar-se*!

Ao mesmo tempo, em que se colocava ênfase no desafio proposto do que seria um autoconhecimento necessário ao progresso na vida espiritual, e a tomada de decisão pela aceitação de si como se é, o conteúdo das *lives*, em forma de pregações-conversas, a proposta produzia a ideia de “ser-se” e “não ser-se” ao mesmo tempo, de “ser-se” para “não ser-se” mais, como se o conhecimento de si, que produziria a aceitação, levasse, na verdade, a uma rejeição de si por meio da ideia da superação.

O “eu” conhecido e aceito não teria outro lugar, na vida espiritual, senão o de algo que precisaria *vir-a-ser* para ser superado. Em vez dos “pecados” como obstáculos à vida de relacionamento com Deus, surgiam as “áreas do ser” como instâncias a serem conhecidas e superadas<sup>3</sup>. Por pecado entendemos aqui tanto a definição teológica do mesmo, entendido como ofensa cometida pela pessoa humana contra Deus (seja diretamente relacionada a Ele, como a idolatria, a negação da fé; seja cometida contra outros, como a violência, o assassinato, a mentira etc); como a definição mais moral do

---

<sup>3</sup>Isso parece apontar a chegada a um novo momento dentro do movimento carismático, que teria passado do estágio da “cura do corpo” e de sua “denúncia” como obstáculo à relação com Deus (tal como analisado por Csordas [2008]), para um momento em que a *psiqué* e seus elementos constituintes é que assumiriam a forma de obstáculo, que deve ser conhecido e superado; ou “curado”.

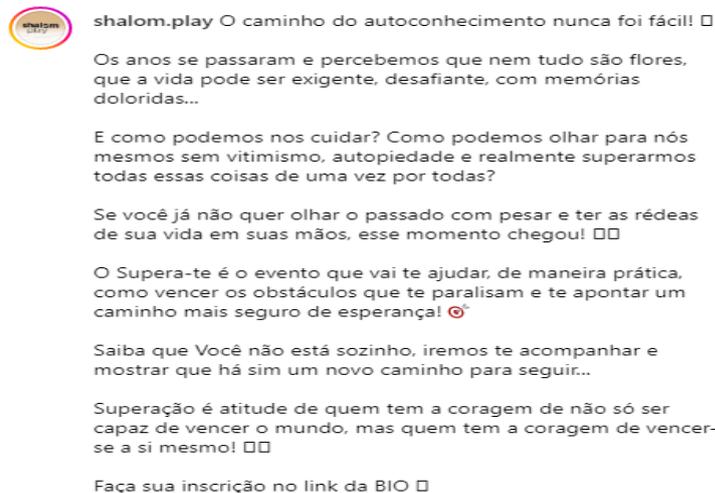
termo, na qual ele implicaria não apenas em prejuízos espirituais que afastariam o sujeito da experiência divina, mas tendo implicações morais que, assim como na ideia espiritualizada de pecado, produziria uma sensação de culpa no sujeito, levando-o a entender-se como necessitado de cura, perdão e arrependimento.

Nas semanas que antecederam a realização das *lives*, o “Supera-te” era apresentado como ideal para quem: 1 - possuía “feridas” em sua história e não sabia como “lidar com elas”, mas desejava “dar a si uma segunda chance”; 2 - estava no “processo de autoconhecimento e queria dar passos concretos” na vida espiritual; 3 - queria crescer espiritualmente “diante das suas realidades humanas e ter um novo sentido de vida”; 4 - lembrava-se de alguém que necessitava de “motivação” para iniciar o caminho de autoconhecimento.

Assim sendo, o evento destinava-se a um “eu”, a um sujeito compreendido em sua dimensão singular e individual. A ordem era dada à segunda pessoa: *supera-TE!*

Vejamos, abaixo, a postagem<sup>4</sup> de convite e divulgação do “desafio”:

#### Imagem 01: Divulgação



Fonte: Instagram Shalom Play. Acesso em 29/09/2023.

Embora comece falando de um “nós”, aí utilizado apenas para se fazer referência ao que se passaria com “todos”, concretamente a proposta do itinerário se dirige a um

---

<sup>4</sup> Todas as imagens foram retiradas da página da *Shalom Play* no *Instagram*: <https://www.instagram.com/shalom.play/>. Acesso em 30/09/2023.

eu: “você”, “sua vida”, “suas mãos”, “te ajudar”, “te paralisam”, “te apontar”, “você não está”, até chegar ao grande lema: “*vencer-se a si mesmo*”!

O conteúdo dialogava diretamente com o *modus operandi* de nosso tempo, focado na figura do indivíduo e na ideia de produção de conhecimento de si, que também acercou-se das religiões; estas, com destaque para o cristianismo pentecostalizado, têm posto sua lógica de atuação na busca por produção de laços cada vez mais individualizados com sujeitos cuja lógica de relação com a religião tem sido, também e como resposta, a de uma individualização/psicologização que põe ênfase não mais na comunidade<sup>5</sup> mas nas experiências pessoais<sup>6</sup> (com destaque para a ideia de conversão, que passaria, ao que parece, pelo trabalho em torno do *psíquico* bem mais do que do *místico*<sup>7</sup>) e nas respostas nelas encontradas a partir da ideia de um trabalho do psiquismo necessário à vivência da fé.

Se, numa visão tradicional da Psicologia da Religião, podia-se entendê-la como o “estudo do comportamento referido ao objeto religioso” designando “pensamentos, afetos e ações da pessoa” para com aquilo que era definido como religioso, observando a “relação cotidiana e simples com o sobrenatural”; nos nossos dias, podemos entender como o objeto desse ramo de estudos da religião os modos com os homens “lidam com o psíquico no religioso” (PAIVA, 2022, p. 768-769).

Por isso mesmo é que, se ficarmos apenas no Cristianismo, vários são os manuais que, longe de tratarem apenas de conteúdo apologético, dogmático ou querigmático em torno das verdades “absolutas”, se ocupam de apresentar um conjunto de elementos tidos como necessários à salvação, que dizem respeito a ensinamentos

---

<sup>5</sup> A própria interpelação constante, como ver-se-á mais adiante, ao “você” e não ao “nós” como o alvo a ser atingido pelo itinerário, dá mostras de uma espiritualidade centrada no indivíduo e em suas dimensões existenciais, esmaecendo a dimensão comunitária.

<sup>6</sup> Estudos como o de Meslin (2014) têm buscado entender as formas como os “sujeitos” têm sido percebidos e produzidos como o locais por excelência da experiência do divino, substituindo, mesmo, os templos e os espaços sagrados tidos como tais em momentos anteriores. Furseth e Repstad (2023), no mesmo sentido, apontam para o aparecimento da “religião individualizada” que, ao mesmo tempo, em que se caracterizaria pela busca por pertencimento e sentido dela aos sujeitos, também apresentaria traços de um “cálculo de benefícios” desta pertença e identificação com a religião da parte deles.

<sup>7</sup> Se considerarmos, por exemplo, a quantidade de livros produzidos pela própria CCSH nos últimos cinco anos, veremos uma quantidade bem mais daqueles com teor psíquico, por assim dizer, do que nós que poderíamos considerar como “místicos”. Para se ter uma ideia, nos últimos três anos foram produzidos, por ela, manuais para a preparação da festa da Páscoa e da festa do Natal (ou seja, para os tempos litúrgicos da Quaresma e do Advento); neles se observa bem mais do que um conteúdo concentrado em torno da mística dos eventos da ressurreição e do nascimento de Cristo, um trabalho em torno das “aptidões” de espírito para se celebrar a festa.

próprios do saber psicológico (como a ideia de temperamento como elemento primordial para a ação divina no indivíduo)<sup>8</sup>. Dizendo de outro modo, é como se não bastasse mais receber a mensagem do Cristo, *conhecê-lo*; é preciso, mais do que nunca e antes de tudo, *conhecer-se*. Revelar-se a si mesmo, numa espécie de “auto” evangelho, de auto boa nova.

Voltando à mensagem do *card* acima compartilhado, vemos as seguintes expressões: “memórias doloridas”, “nos cuidar”, “nós mesmos”, “rédeas da sua vida”, “suas mãos”, “te paralisam”, “vencer-se a si mesmo” – termos que apontam para o “si mesmo” como objeto central. Estaríamos, assim, diante de outra espiritualidade, não mais voltada ao sobrenatural ou o divino, ou Cristo, mas voltada para o eu, o si?<sup>9</sup>

A questão que norteia este artigo é a seguinte: como se (re)constrói a espiritualidade cristã contemporânea a partir de elementos advindos do saber psicológico? Tomando como *corpus* de análise o conjunto de *lives* do itinerário “Supera-te”, nosso objetivo é compreender as alterações produzidas pelos usos da Psicologia por grupos religiosos para legitimarem-se junto a seu público, que acarretam mudança de foco no alvo a ser atingido: não mais um maior saber sobre o divino, mas sobre o si, sobre o humano.

Nesse sentido, o artigo está estruturado da seguinte maneira: no próximo tópico, apresentamos a CCSH e, a partir dela, as transformações produzidas no interior do catolicismo pela entrada em cena das Novas Comunidades<sup>10</sup>. Nesse tópico, ainda, dissertamos sobre a presença do saber psicológico na Comunidade a partir do itinerário formativo desenvolvido em seu interior. Em seguida, discutimos em linhas gerais os contornos sociais de nosso tempo, que permitem a emergência de uma espiritualidade

---

<sup>8</sup> Sobre isso ver os trabalhos bastante difundidos em meio religioso de Santos (2012) e de Bennett (2020), ambos acionando a ideia de “conhecimento de si” para a necessária conversão e experiência divina. Também o livro-manual de Macedo (2019) põe a mente, o corpo, os pensamentos e os sentimentos como espaços que o cristão deve conhecer para lidar com as “*guerras pela fé*” que lhe são necessárias travar.

<sup>9</sup> Esse dado é importante, dentro da lógica cristã, por nos fazer lembrar da passagem descrita no Evangelho de Luca, capítulo 9, verso 23, em que Jesus teria dado a ordem necessária para seu seguimento: o discípulo deveria “negar-se a si mesmo”. Ao que nos parece, estaríamos diante de tal imperativo, mas de um modo trocado: seria, aqui, necessário conhecer-se para que a negação de si fosse mais efetiva. Conhecer-se para negar-se, sendo o negar-se, aqui, substituído pelo “superar-se”.

<sup>10</sup> Por esse termo se definem as experiências de vida comunitária que surgiram no interior do catolicismo a partir dos anos 1970, como produto da ação da Renovação Carismática Católica. Congregando em seu interior leigos, sacerdotes e celibatários, constituem-se como importantes meios de manutenção de vocações católicas à vida consagrada em resposta às exigências do mundo contemporâneo. Sobre elas, ler os trabalhos de Sousa (2013) e Silva (2020).

cristã centrada no eu, na experiência que se faz do mundo a partir do si. Por fim, apresentamos e analisamos o conteúdo das *lives* a partir do objetivo proposto, dando nossa contribuição para a compreensão do religioso contornado pelo psíquico, tal como se tem observado no mundo contemporâneo, tomando o caso em questão como paradigma de análise.

## 1. A Comunidade Católica Shalom e seu caminho formativo: entre a espiritualidade, a “antropologia” e a “psicologização” da fé.

A CCSH foi fundada na cidade de Fortaleza (CE), em 09 de julho de 1982, por um grupo de jovens que desempenhavam trabalho missionário na Arquidiocese. Tendo à frente Moysés de Azevedo Louro Filho, outros quatro jovens (Sidney Timbó, Madalena, Jaqueline Matias e Luiza Façanha), graças à “experiência com o batismo no Espírito Santo”<sup>11</sup>, também almejavam “*dar algo mais, a própria vida*”, para a evangelização na cidade, sobretudo a evangelização dos jovens<sup>12</sup>, passando a compartilhar uma vida comunitária na qual se dedicavam irrestrita e integralmente ao serviço missionário. Por isso mesmo, a construção de uma lanchonete (para onde os jovens seriam convidados para “*comer um sanduíche e beber coca-cola*”) e de uma livraria foram as primeiras iniciativas daquela experiência que, meses depois, seria nomeada como “Comunidade Católica Shalom”.

A CCSH é uma das expressões do Movimento de Renovação Carismática Católica, surgido nos Estados Unidos em 1967 e trazido para o Brasil por padres jesuítas ainda nos anos 1970<sup>13</sup>, que tem como um de seus principais traços característicos, o fato de, surgida em meio universitário, dar importância central ao

---

<sup>11</sup> Nome dado ao dom de “falar em línguas”, ou glossolalia, próprio do movimento pentecostal, que o fiel desenvolve após ter sido preparado por pregações e pela imposição de mãos daqueles que lhe antecedem no movimento. É considerado a porta de entrada do pentecostalismo e, exatamente por isso, atua como marca identitária dos carismáticos dentro do catolicismo.

<sup>12</sup> A fundação e o desenvolvimento inicial da CCSH foram estudados pormenorizadamente por Silva (2023), num trabalho analítico que contempla, inclusive, as narrativas em torno da fundação e da construção carismática do líder, bem como a expansão da Comunidade para além da cidade de Fortaleza.

<sup>13</sup> Os estudos de Prandi (1996) e Carranza (2000, 2009) são marcos importantes, no Brasil, para aqueles que estudam a RCC: o histórico, o surgimento, a expansão, a mistagogia, a mediatização, as práticas e os enfrentamentos com outros movimentos dentro da Igreja Católica são tratados pelos autores, constituindo-se como “clássicos” dos estudos sobre o movimento. Mais recentemente, o texto produzido por Silva (2017) analisa as relações entre o movimento e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dando ênfase aos enfrentamentos e conflitos entre os dois.

processo de “formação” de seus membros, produzindo um novo *ethos* católico que enfatiza a necessidade de estudos aprofundados da doutrina católica, a inserção no mundo secular para evangelizá-lo (sobretudo por meio da utilização de seus meios, como a mídia, para a realização do trabalho missionário) e a produção de textos que fazem circular o pensamento “carismático”, produzindo, assim, um verdadeiro “público leitor”<sup>14</sup> para o movimento. Tudo isso realiza-se, também, no interior da CCSH com ainda mais relevo.

Tendo como elementos centrais de sua espiritualidade o compromisso com o espírito da Renovação Carismática (com o uso dos carismas do Espírito, com destaque para o dom de falar em outras línguas), a oração profunda aos moldes do que se lê nos escritos de Santa Teresa de Ávila, a pobreza segundo São Francisco de Assis, o relacionamento sponsal com Jesus Cristo (por meio do qual seus membros veem-se como “almas esposas de Cristo”), assim como os votos de consagração à pobreza, castidade e obediência. Toda essa espiritualidade, vivenciada comunitariamente, é produzida por um amplo programa de formação de seus membros, que ocupa um lugar central no cotidiano da Comunidade tendo em vista a produção microscópica de um “novo eu”, moldado no catolicismo segundo os imperativos da Comunidade<sup>15</sup>, fazendo com que cada membro se ponha, deste modo, num processo de conhecimento de si pelo outro que é a Comunidade (por meio de suas autoridades e dos “formadores” que agem sobre seu eu), dando assentimento a um contínuo processo de adesão à “escrita de si” para si e para o outro, ampliando ao máximo o controle sobre si a partir daquilo que, na escrita, revela de si.

Não resta dúvida sobre a centralidade do mecanismo da formação pessoal na espiritualidade shalom, pois nela se confere um lugar central àquilo que podemos

---

<sup>14</sup> No texto de Silva e Leão (2020) analisa-se a formação de um “público leitor” internacional da CCSH a partir da produção e circulação das obras de Emmir Nogueira, sua co-fundadora.

<sup>15</sup> A legitimidade que os processos de “formação” têm nas Novas Comunidades em geral, e na Comunidade Shalom em particular, pode ser “nativamente” observada em Ferreira (2011), em Oliveira (2013) e em Nogueira & Perdigão (2011). Não se concebe a ideia de pertença a uma Nova Comunidade sem a necessária adesão a uma produção de um novo eu, que é ao mesmo tempo, moral e espiritual. Segundo Nogueira & Perdigão (2011, p. 68), o objetivo da formação é “colocar a pessoa [...] em condições de atingir o seu alvo de configurar-se a Jesus Cristo segundo o seu carisma”, ou seja, segundo aquilo que a própria Comunidade diz ser necessário. Há, pois, uma cosmovisão e uma “antropologia”, se quisermos pensar assim, em cada Comunidade que viabiliza e exige um itinerário espiritual e humano de seus membros. Sobre a ideia de uma “antropologia shalom”, ler Alves (2019) e Perdigão (2012).

compreender como mecanismo do “falar de si”<sup>16</sup> como próprio à produção da identidade shalom, falar de si para um outro que deverá “me conhecer” em profundidade a partir daquilo que eu mesmo digo de mim, que deve ser “o” verdadeiro, que digo de mim mesmo a partir daquilo que sei que deve ser dito, do modo como o deve ser.

Na história da Comunidade, vários foram os manuais produzidos visando auxiliar os formadores pessoais no processo de busca da “verdade de si” daqueles que estavam sob sua responsabilidade. Nesse sentido, ganharam destaque os livros produzidos pela co-fundadora Emmir Nogueira (2003, 2008, 2010, 2017, 2021): *Tecendo o fio de ouro – roteiro para a cura interior, autoconhecimento e projeto de vida* (um roteiro de dez semanas para se mergulhar na história de vida pessoal, passando por todas as áreas do ser, da memória à afetividade, chegando às necessidades especiais); *Ao Amor da Minha Vida* (uma série de dez cartas “escritas” por Deus para o leitor, que contam com espaços a serem respondidos “a Deus” pelo sujeito que as lê); *Caminho de conversão* (uma espécie de “caderno” em que se leem direcionamentos para 295 dias, sendo exigida a escrita de “respostas a Deus” ao conteúdo diário, respostas essas produzidas a partir do “dizer de si”); *Leve sua vida espiritual a sério – oração aos moldes de Teresa* (com citações de Santa Teresa, o livro dedica espaços para *insights* do leitor no que diz respeito à prática da oração). Assim, escrever sobre si, falar de si, dizer a verdade sobre si é um *modus operandi* que se exige daqueles que fazem parte da CCSH.

De todos esses, sem dúvida alguma o *Tecendo o fio de ouro* é aquele que adquiriu mais importância, estando já em sua 12ª edição, passando de 283, na primeira edição, para 591 páginas, na mais recente. Escrito em parceria com a psicóloga Silvia Lemos, consagrada na Comunidade, o livro se constituiu como formação obrigatória para todos os membros. Dividida em quatro partes, a última edição está assim estruturada: “*fé como memória, vida como história*”; “*ordenando as necessidades e os limites para o amor*”; “*a identidade*” e “*reconstruindo a afetividade*”.

---

<sup>16</sup> Foucault (2022) analisa os modos como o “dizer a verdade sobre si” constituíram-se como importantes mecanismos de desenvolvimento do cristianismo nas eras primitivas de sua constituição e expansão, levando, depois, às técnicas de acusações de si e de denúncias de si, com destaque para o sacramento da confissão católica, que acabavam por produzir mais controles da instituição sobre os sujeitos, produzindo-os como “sujeitos a”.

Ao longo do livro, várias são as referências a textos da Psicologia, o que auxilia no processo de legitimação do saber produzido pelas autoras frente a um público leitor distinto. Não se trata apenas de “espiritualidade” no texto, mas também de “ciência”: uma espiritualidade legitimada pela ciência, uma ciência ancorada na espiritualidade, é o que se depreende da leitura do livro. O *fião de ouro* em questão é o fio da *vida de cada eu*.

Na produção dessa verdade sobre si em forma de um *fião de ouro*, há um caminho metodológico, ordenado mais recentemente como um “combo” de livros e cursos, a partir do que seria uma estrutura de produção de saber sobre si intitulado *Caminho ordo amoris*. Apresentado como um “*caminho de cura interior e de maturidade humana*”<sup>17</sup>, o método consiste em um longo itinerário com seis etapas, assim distribuídas: *Cura da História de Vida* (apenas curso, sem livro); *És precioso – 10 dias de oração para a cura da autoimagem* (curso e livro, que já está na sua 10ª edição); *Tecendo o fio de ouro* (curso e livro); *Áreas do Ser – potências da alma humana e ordenação dos sentidos* (curso); *Liberdade interior* (curso e livro); *Maturidade Humana – passos concretos no amadurecimento pessoal* (livro).

Além disso, Congressos de cura e libertação, cura da autoimagem, cura interior e outros são realizados mundo afora por membros da Comunidade, tais como: “*Congresso de Cura – coragem, consola-te aquele que te deu um nome*”, “*Congresso de Cura – levanta-te e anda*”, *Congresso de Oração e Aconselhamento – a cura pela fé*”, “*És precioso – a cura da auto-imagem*”, “*Curso Tecendo o Fio de Ouro – autoconhecimento e cura*”, “*Retiro Curados para Amar*” e “*Cura da História Pessoal*”.

Embora item de obrigação formativa para os membros da Comunidade, os livros e cursos têm sido disponibilizados para o grande público na plataforma de vendas da Shalom, na *Hotmart*, dando mostras de seu ideal de universalidade e de objetivo de produção de “novos homens” a partir de tal material. Em cada um desses itens se visualiza a forte influência da Psicologia nas referências bibliográficas utilizadas como fontes e nos conceitos/termos expressos. O investimento na compreensão das “áreas do ser”, como *lócus* de atuação da graça divina marcam cada uma dessas obras, formatando um itinerário de formação espiritual arrimado na Psicologia.

---

<sup>17</sup> Sobre isso, ver: [https://ordoamoris.comshalom.org/#module\\_807dc14e-23ff-4ffb-8793-520645bcdffb](https://ordoamoris.comshalom.org/#module_807dc14e-23ff-4ffb-8793-520645bcdffb). Acesso em 30/09/2023.

Duas publicações recentes avançam nesse sentido: o *Projeto de Vida Pessoal* (PVP) e o *Como fazer o exame de consciência com vista ao autoconhecimento a nível espiritual*, ambos de autoria de Emmir Nogueira. No primeiro livro, há uma série de quadros, como os que se veem abaixo, que deverão ser preenchidos pelo leitor, precedidos de pequenos textos através dos quais se é motivado a *ver-se* no estado atual e a *projetar-se* num futuro próximo (do *conhecer-se* ao *superar-se*), sob diversos aspectos, escrevendo sobre si, num planejamento de transformação guiada pelo texto.

Imagem 02: Projeto de Vida Pessoal

3. **Em oração**, tome cada aspecto e responda sobre ele as seguinte perguntas:
  - Como estou? ( Nessa pergunta use as suas respostas do exercício passado.)
  - Como gostaria de estar?
  - O que preciso fazer para isso?
  - Que meio vou utilizar para este fim?
  - Quando farei isso?
4. Trace no seu caderno, de preferência no sentido horizontal, a seguinte grade:

**PVP PARA AJUSTAR MINHA AUTOIMAGEM**

Data: \_\_\_\_\_

| Aspecto                         | Como estou | Como quero estar | O que preciso fazer para isso | Que meios usarei | Quando farei isso |
|---------------------------------|------------|------------------|-------------------------------|------------------|-------------------|
| Abertura ao amor de Deus.       |            |                  |                               |                  |                   |
| Acolhimento do amor dos outros. |            |                  |                               |                  |                   |
| Disposição de amar os outros.   |            |                  |                               |                  |                   |
| Amor a si mesmo.                |            |                  |                               |                  |                   |

5. Escreva nos espaços suas respostas para as perguntas do 3º passo. A seguir, um exemplo

| Aspecto                   | Como estou                               | Como quero estar                       | O que preciso fazer para isso             | Que meios usarei                  | Quando farei isso  |
|---------------------------|--|--|---|-----------------------------------|--|
| Abertura ao amor de Deus. | Desconfio que Deus me ama assim como sou | Quero confiar e sentir que Deus me ama | Acreditar que Deus me ama e confiar nisso | Rezar mais com o Salmos 138 (139) | Rezar todos os dias em casa e ir à adoração na quinta-feira. |

Fonte: PVP (*mímeo*)

### Imagem 03: PVP explicado

#### Projeto de Vida Pessoal

Bom, a seguir, separamos algumas dicas que podem ajudar você na hora de preparar o seu projeto de vida pessoal. São orientações simples, mas que se levadas em conta vão contribuir bastante nos seus estudos.

>> [Acompanhe a Comunidade Shalom no YouTube](#)

#### 1 – Avaliação da situação

Antes de colocar no papel aquilo que de fato você deseja, faça uma avaliação da situação atual em relação a qualquer aspecto da sua vida. Algumas perguntas que podem ajudar a fazer essa avaliação são: Como me comporto em relação àquela outra situação? Como me sinto em relação a essa área da minha vida? Como me sinto em relação a essas perguntas, você poderá ter uma visão mais completa de como está cada área que deseja trabalhar no ano.

#### 2 – Definição do objetivo

Agora sim você poderá dizer o que deseja para cada área da sua vida. Por exemplo, se você não estuda muito, pode traçar como o objetivo voltar a estudar ou mesmo fazer um curso. Ou mesmo se você percebeu que ao longo do ano não leu nenhum livro espiritual que te inspire, pode traçar como objetivo ler pelo menos um por mês. A pergunta “Como devo estar em relação a essa área da minha vida?” pode ajudar você a definir seus objetivos.

#### 3 – Lista de atividades

Definidos os objetivos, você deverá, para cada um deles, traçar uma lista com atividades a serem realizadas para alcançá-los. Essas atividades não precisam ser complexas, podem ser simples e fazer parte do seu dia a dia. Por exemplo, em relação à leitura dos livros espirituais, você pode traçar como objetivo ler um livro espiritual a cada semana. Além disso, você pode elencar ações complementares que possam ajudar você a alcançar seus objetivos. Um exemplo é buscar livros físicos em vez de livros digitais que podem dispersar sua atenção.

#### 4 – Estabeleça prazos

Cada objetivo precisa ter um tempo definido para ser realizado. Por isso, a ideia é estabelecer prazos para cada objetivo. Esse período vai servir para que você estabeleça ações que definiu com vistas a alcançar o seu objetivo. Portanto, cada objetivo precisa ter um prazo determinado para ser alcançado.

#### 5 – Avaliação periódica

Escolha um dia da semana ou mesmo do mês para avaliar o andamento dos seus objetivos. Perceba como está o seu desempenho e a partir disso mude as atividades que precisa fazer para alcançar seus objetivos. É um processo simples e muito valioso que vai contribuir bastante no alcance dos seus objetivos.

Fonte: <https://comshalom.org/5-passos-para-fazer-o-seu-projeto-de-vida-pessoal/>

Acesso em: 29/09/2023.

Observa-se uma espécie de “diagnóstico de si” que o sujeito é levado a elaborar, devendo ter ciência do modo como está, do que seu desejo o leva a almejar, dos métodos de que dispõe para mover-se do presente ao futuro próximo. Os elementos que vemos no PVP, que circulam em torno da ideia a ser materializada de um sujeito que pode ter sua própria vida em suas mãos, que precisa de tal feito, que deve estabelecer prazos e metas, é também o que se viu na propaganda do “Supera-te” nas redes sociais, numa publicidade em que se vislumbrava, sobremaneira, o “eu” como o protagonista do caminho de autoconhecimento, de cura interior e, porque não dizer, de “salvação”. A

mensagem é destinada a um “você” com palavras imperativas de produção de controle por parte do eu: “saia”, “tenha” e “troque”; palavras de ordem, como podemos ver abaixo:

Imagem 04: Supera-te



Fonte: <https://www.instagram.com/shalom.play/> Acesso em 30/09/2023.

O segundo livro, lançado no ano de 2023, também traz uma série de quadros a serem preenchidos pelo leitor, distribuídos conforme os dez mandamentos e com os pecados que lhes correspondem, exigindo de quem o lê a anotação pormenorizada destes pecados em cada uma das páginas, contabilizando cada um destes pecados, com a data precisa em que teriam sido praticados. Contendo uma epígrafe em que se lê “*o conhecimento de si é o pão com que devem ser comidos todos os manjares*”, atribuída a

Santa Teresa de Jesus, o livro se divide em três partes: exame de consciência geral, exame de consciência personalizado e anotações sobre os pecados cometidos. A terceira parte, sem dúvida, parece ser a mais importante do ponto de vista analítico, pois nela o leitor é convidado a dissertar sobre os pecados, a partir de 9 questões: *o que foi o pecado? Quando foi cometido? Quantas vezes? Em qual circunstância? Com quem se cometeu? Por que cometeu? O assunto é grave? Cometeu mesmo sabendo que era pecado? Teria justificativa?* Seu objetivo é a produção da “revisão de vida” de quem o lê.

Postas essas questões, resta evidente a intensidade com que a formação da CCSH se utiliza de elementos da Psicologia, acionando a ideia do *conhecimento de si*, em sua empreitada de produção de subjetividades e de controle do eu por parte de suas autoridades, a partir da exigência tácita de um autoconhecimento exigido de seus seguidores para o alcance da verdade, que ao fim e ao cabo é uma verdade sobre si, uma verdade do si tal como esperada pela Comunidade.

Mas, como é possível a assunção e a legitimidade de um tipo de espiritualidade assim? Que traços societários engendram e sustentam uma espiritualidade centrada no eu e com traços psicológicos bem mais fortes do que em momentos anteriores? Passemos ao item seguinte.

## **2. O “si” como contorno de nosso tempo: a espiritualidade do indivíduo em questão.**

Pesquisadores das diversas áreas das Humanidades, com destaque para a Sociologia e a Antropologia, têm caminhado, nas últimas décadas, rumo ao encontro daquele que, desde sua fundação, configurou-se como o objeto por excelência da Psicologia: o sujeito. Se anteriormente as duas Ciências preocuparam-se com a compreensão e problematização das estruturas sociais que forjavam modos de existir e, por isso mesmo, dedicavam-se ao estudos sobre a permanência da ordem ou sobre os processos de mudanças, ambos entendidos como processos “sociais”, as inúmeras transformações da dita “pós-modernidade” operaram, a partir da própria mudança social, a reorientação do foco dos estudos das Humanidades: configurando-se como o ator central do mundo contemporâneo, o sujeito e suas preocupações tornaram-se o grande “mistério” a se desvendar.

Mas, quais seriam os contornos desse tempo social em que o indivíduo emergiria como eixo central? Antes de tudo, as transformações sociais da Modernidade, ao se aprofundarem, produziram “crises de sentido” acerca da existência, por meio de orientações culturais diversas que aumentaram as ilusões com o desenvolvimento e o relativismo, fazendo ao mesmo tempo com que certezas evidentes perdessem seu poder de orientação (BERGER & LUCKMANN, 2012). Para os autores, termos como indivíduo, corpo, consciência, individualidade, corporalidade, identidade pessoal foram alçados como marcadores fundamentais de reflexão para o nosso tempo, uma vez que a própria ontogênese estaria edificada e pensada nesses termos.

Assim, a emergência do sujeito como problemática social, e existencial, que forja-se na desintegração de laços tradicionais de sociabilidade, agora vivendo em meio a relações com o mundo mas, sobretudo, com relações que dizem respeito ao si mesmo (TOURAINÉ & KHOSROKHAVAR, 2004), caminhando em meio a processos cada vez mais contínuos de desintegração de estruturas totalizantes, e a consequente queda de identidades tidas como estabelecidas por todo o sempre, produzindo uma sempre mais aprofundada “crise” de identidades (DUBAR, 2009) que põem o “pensar sobre si” (HENRICH, 2018), como um imperativo de nosso tempo.

Diante de tal *modus vivendi*, a condição do “pensar sobre si”, ou mesmo da consideração do “si” como uma questão estrutural, faz emergir um conjunto de problemáticas com as quais o próprio saber das Ciências Humanas vai produzindo novas perspectivas de análise, caminhando assim rumo ao universo já conhecido da Psicologia, encontrando-se com o sujeito de nosso tempo em suas várias dimensões: afetos, sentimentos, emoções, dores, lamentos, incertezas e, mais recentemente, com os enfretamentos identitários da ordem social que levam a uma desestruturação de questões tidas anteriormente como centrais, tais como classe, nação e raça (ROUDINESCO, 2022; LE BRETON, 2013 e 2019).

A individualidade seria o protótipo mais típico de uma sociedade que marcha pela lógica da “incerteza” (BAUMAN & RAUD, 2018), onde a linguagem, a atuação, a conexão e autorrealização seriam os pilares fundamentais de seu funcionamento. Por isso mesmo, a religião ver-se-ia diante do desafio de, inserida em tal época de incertezas e de crises de sentido, falar ao homem não mais como a alguém pertencente a uma promessa de felicidade dirigidas a “todos” que a aceitem, mas a falar para sujeitos que

precisariam lidar com uma mensagem a eles direcionadas, de modo particular, produzindo uma necessária “experiência”<sup>18</sup> da vida religiosa que desafiasse os contornos seculares que se impuseram à própria religião.

Logo, a preocupação da religião, dirigindo-se ao pilar de nosso tempo que é a vida individual, os sujeitos, o si, tem sido a de ofertar uma mensagem que o contemple sob diversos aspectos, humanos todos eles, bem mais do que a oferta de uma mensagem meramente escatológica, produzindo uma espiritualidade que poder-se-ia denominar “espiritualidade do eu”. Temperamento, desejos, dores, áreas do ser, identidade, sujeito, cura pessoal, autoimagem, necessidades são termos que vão substituindo vocábulos através dos quais a religião se fazia chegar aos homens, tais como salvação, pecado, graça, crença, virtudes, frutos do espírito, bem-aventuranças dentre outras. O processo sugere um esmaecimento do divino pelo divino e a emergência do divino em sua relação como o humano.

### **3. O itinerário proposto: *conhecer-se, aceitar-se, superar-se* – o “si mesmo” como partida, como caminho, como alvo**

Tendo em vista os elementos que foram analisados até aqui, neste momento, descreveremos o caminho metodológico que percorremos para analisar as três *lives* que compuseram o projeto/desafio “Supera-te”. Como dissemos anteriormente, as *lives* foram transmitidas pela conta *Shalom Play*, no *Instagram*, e estão disponíveis na página da CCSH no *YouTube*. A realização do “desafio” foi divulgada durante todo o mês de setembro pelos canais que pertencem à Comunidade (*site*, redes sociais, rádio) e, além disso, presencialmente; contudo, centramo-nos, para a realização deste artigo, nas divulgações feitas pelo *Instagram*.

Cumpramos registrar que o “Supera-te” foi antecedido pela *Semana do autoconhecimento*, realizada entre os dias 25 e 29 de setembro, também transmitida pelo *Instagram*, e contou com a participação de membros da CCSH que testemunharam seus

---

<sup>18</sup> Foi William James (2017) quem primeiro apontou as possibilidades de compreensão da religião por meio da noção de “experiência”, que possibilitaria uma observação mais acurada da realidade da religião em seus feitos, por assim dizer, na vida dos sujeitos. Nos parece que, em nosso tempo, a religião deveria ser cada vez mais apreendida a partir de tal ideia, seja com relação aos efeitos por ela produzidos (tal como os indivíduos creem que ela produza), seja por meio da cada vez maior espiritualização dos modos de atuação das religiões tradicionais.

processos de autoconhecimento. Observa-se, pois, o lugar destacado desta temática no interior da Comunidade.

Então, tomando conhecimento da realização do evento observamos ter ali uma excelente oportunidade para a compreensão dos usos da Psicologia pela religião. Começamos, assim, a salvar imagens, na forma de *cards* e *stories*, que eram publicadas na referida página nos dias utilizados para sua divulgação, e a partir disso fomos vendo como se delineava a ideia do que deveria ser “superado”. Logo, nosso método seria concentrado em duas ações principais: o registro das imagens de divulgação, e sua análise; e a participação, transcrição e análise do conteúdo das *lives*, o que exigia de nós, por óbvio, que nos inscrevêssemos no evento para receber as atualizações e os comunicados. Não se constituiu como de nosso interesse a interação dos espectadores por meio da participação no *chat*.

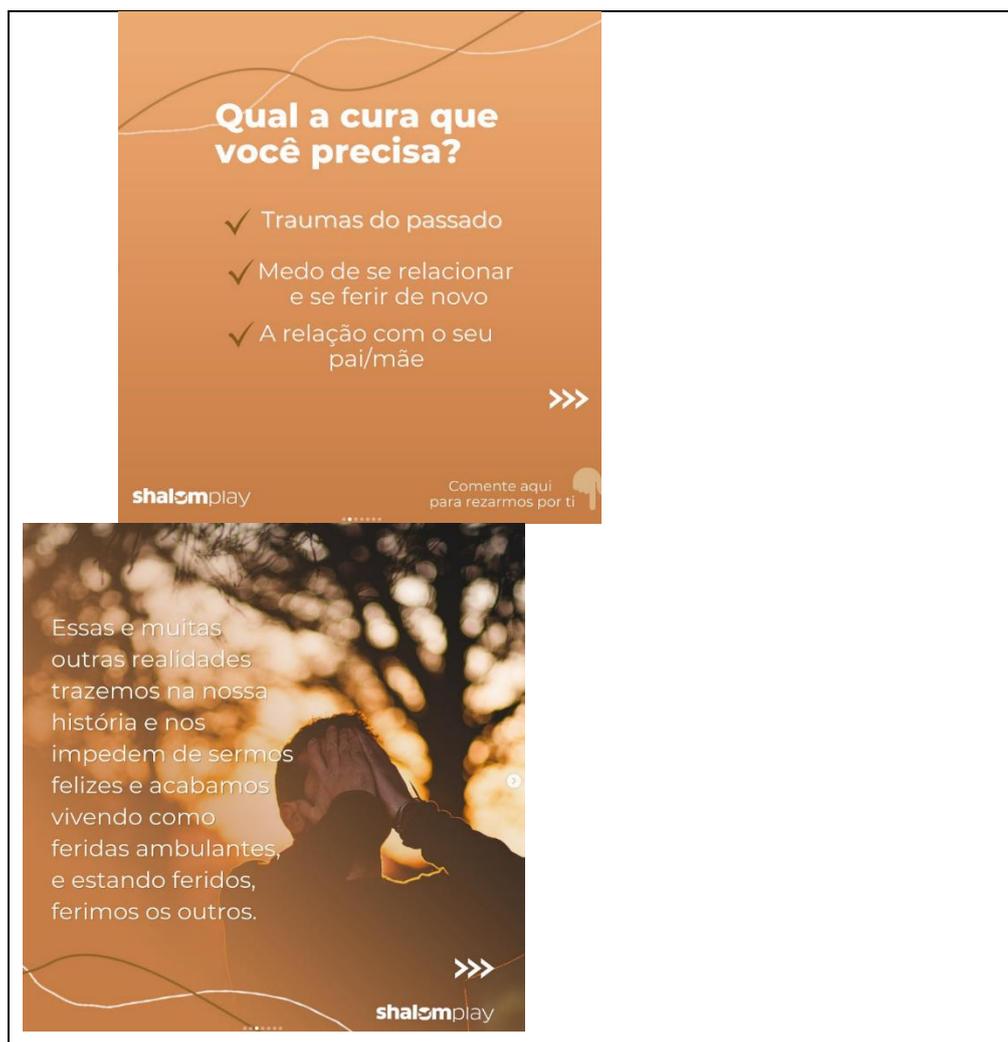
Então, o que viria a ser o “Supera-te”? Divulgado com a pergunta “*você quer ser curado?*”, o projeto era uma proposta de cura. Ao assim apresentar-se, havia que se produzir a ideia do interlocutor como doente, adoentado, cansado, exausto. Traumas, medos e relações familiares, que todos nós temos, compunham o repertório das enfermidades a serem curadas.

A ideia de doença da qual se padece deixa de ter uma dimensão corporal, que demandaria uma solução via milagre (mais difícil de se produzir?), e passa a ter uma dimensão existencial, de história biográfica, de vida vivida, vida mental/emocional e que, como tal, produz adoecimentos de que o sujeito não se sabe ser adoentado<sup>19</sup>. O passado, os medos e as relações aparecem como aquilo do qual se deve ser curado, como se percebe também na imagem abaixo:

---

<sup>19</sup> Isso parece alicerçado na ideia de pecado, uma vez que, se todos são “herdeiros” do pecado original, e sendo o pecado o correspondente a algo que retira os sujeitos do “estado de graça” e os debilita com o mal, então, emerge a ideia de todos como doentes, por portarem em si o pecado.

Imagem 05: Cura



Fonte: <https://www.instagram.com/shalom.play/> Acesso em 30/09/2023

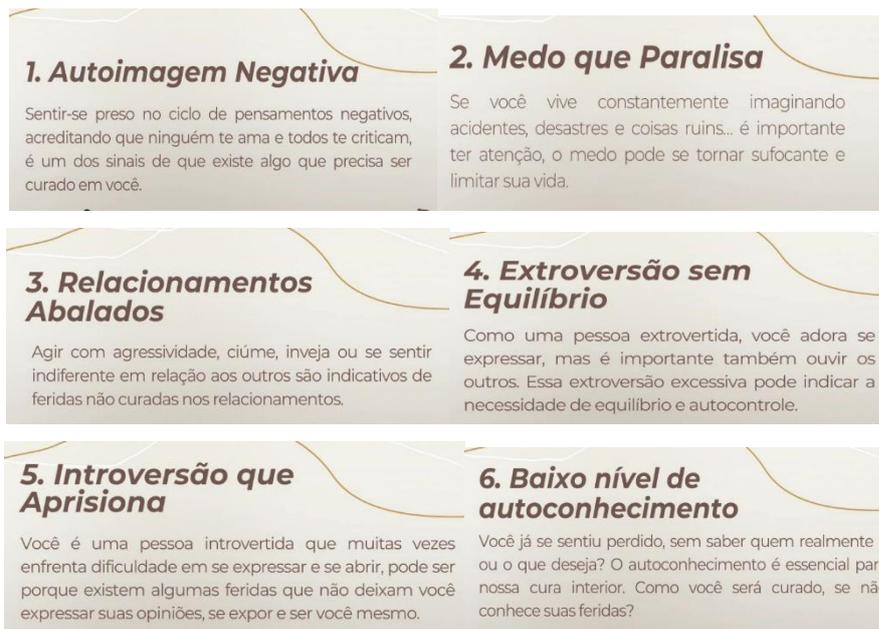
*Minhas* feridas, causadas pelo *meu* passado (*minha* história, *minhas* relações, *meus* pais), produzem feridas nos outros. A relação do mim com o outro é de adoecimento do outro por mim! Eu no começo, eu no meio, eu no final. Eu entre mim e o outro, o *mim no outro como adoecimento*.

Assim, é a própria história do sujeito, sua biografia, o que opera como condição de adoecimento. Viver é estar doente. *Minha* história, *minha* doença. *Minha* realidade existencial é ela mesma produtora da enfermidade da qual não conheço a ação. Se não se tem a felicidade que se espera, isso se deve ao fato de não conhecer, como se devia, a própria história, ou seja, como uma fonte de infelicidade e doenças, traumas e impedimentos para a real felicidade produzidos por minha ignorância acerca de mim mesmo. Criados para a “felicidade”, os homens não são felizes pelas marcas de sua

própria existência; é como se, ao que parece, a vida de cada um fosse “o” empecilho à própria felicidade: só serei feliz comigo mesmo, mas *eu mesmo sou meu empecilho à realização desta minha felicidade*<sup>20</sup>.

Mas, que elementos poderiam ser apontados como sinais de que *se* estaria doente, necessitando da cura que o “Supera-te” prometia produzir? Vejamos abaixo:

Imagem 07: Sinais do adoecimento



Fonte: <https://www.instagram.com/shalom.play/>. Acesso em 29/09/2023.

Ter “pensamentos negativos”, saber que “todos te criticam”, imaginar “acidentes, desastres e coisas ruins”, ser agressivo, ciumento ou indiferente, adorar se expressar ou ter dificuldade de fazê-lo, se sentir perdido: coisas triviais de qualquer sujeito que vive no século XXI. Tudo isso, sinal de “adoecimento”, segundo o “Supera-te”. Ora, se atentarmos para aquilo que se enuncia como sinais de adoecimento,

<sup>20</sup> O sociólogo sul-coreano Byung Chul-Han (2015, 2018) tem refletido sobre as subjetividades produzidas em nosso tempo a partir da ideia de “cansaço” e “psicopolítica”, para nos alertar acerca dos riscos que corremos ao creditar o “tudo posso” aos sujeitos e a apresentação de si mesmos como o obstáculo por excelência à sua realização. O “si” pensado como o obstáculo, mas ao mesmo tempo como a potência maior, produziria os sujeitos vacilantes e depressivos do nosso tempo, acarretando aquilo que Le Breton (2018) identifica como a “tentação” do nosso tempo: o “desaparecer de si”. Por sua vez, Illouz e Cabanas (2022) analisam modos de existência contemporâneos ancorados na ideia de felicidade suprema para a qual os sujeitos estariam destinados, frustrando-se, contudo, ao se verem ante os impedimentos da estrutura social e dos limites psíquicos.

teríamos toda uma sociedade de doentes: pessoas com medo, pessoas com relacionamentos abalados, pessoas extrovertidas, pessoas introvertidas, baixo nível daquilo que se entende, aí, por “autoconhecimento”. Uma sociedade de doentes, em que o mero fato de ser produz doença.

Então, se os indícios de adoecimento são esses, e se devem ser muitos os que se encontram entre os padecentes, qual a proposta de cura? Como ela se realizará? O que seria preciso fazer? É uma proposta que envolve “*três fatores indispensáveis para o processo de cura e transformação da sua vida*”, como se lia em um dos cards. Tais fatores seriam:

Imagem 08: Fatores





Fonte: <https://www.instagram.com/shalom.play/> Acesso em 30/09/2023

*Conhecer-se*, em suas qualidades e virtudes, nos vícios e defeitos, para saber-se quem se é e superar-se; *aceitar-se* como se é, sem comparação e julgamento dos outros, sabendo-se único; e *superar-se*, crescendo espiritualmente e se aperfeiçoando, chegando à santidade. Esse é o esquema proposto pelo “desafio”.

### ***Live 01, a produção do “conhecer-se***

O conteúdo da primeira *live* orbitou em torno da ideia da “*necessidade de autoconhecimento*”, ou seja, buscou responder à questão central: por qual razão é necessário conhecer-se para se ter uma vida espiritual? A resposta dada, de diversos modos, foi a seguinte: o autoconhecimento seria um processo “*de encontro com Deus, com a verdade de Deus e de quem é Deus*”, bem como “*encontro com a nossa verdade, com quem nós somos profundamente*”, com o intuito de “*que nosso caminho de santidade seja autêntico, seja real*”. Assim, o caminho trilhado pelos sujeitos na sua relação com o divino é atravessado pela exigência de autenticidade que se atinge pelo autoconhecimento, pelo saber de si.

O imperativo do conhecer-se é compreensível quando se sabe “*o que eu preciso superar em mim, o que precisa ser melhorado em mim, o que precisa de conversão, o que precisa se configurar em Cristo na minha vida, o que precisa ser mudado na minha mentalidade, na minha forma de pensar, que tantas vezes é contrária ao evangelho, é*

*contrário ao que a Igreja ensina*”. Assim o é por se ter a necessidade de conhecer-se para melhor conhecer a Deus e à Igreja, conhecer-se à luz do que diz a Doutrina, pois somente assim se pode compreender a distância, ou proximidade, entre o que ela diz e o que se vive, sabendo, pois, daquilo que é “a” verdade ainda não vivida, e nem conhecida, pelos sujeitos.

Há um imperativo: devo saber quem sou para não mais ser o que sou; daí a ideia de conversão de tudo (desde modos de agir até modos de pensar) e da busca incessante de melhorias, entendendo-se com um ser em construção, que na verdade se constrói desconstruindo-se (superando-se).

Assim sendo, uma vez vivendo uma vida conforme os ensinamentos, por que executar esse processo de autoconhecimento na Comunidade e não com profissionais que melhor o conduziriam? Qual a credibilidade de um processo conduzido por não-profissionais da Psicologia, mas por membros consagrados de uma Comunidade religiosa?

Segundo o que ali se disse, a Psicologia pouco poderia fazer com aquilo que se descobrisse nesse processo de autoconhecimento, que colocaria os sujeitos diante de suas feridas e de seus traumas. Feridas interiores e traumas, pois, não seriam da alçada da Psicologia, mesmo que sejam termos advindos de seu saber. A autoproclamada superioridade da técnica psicologizante proposta pela Comunidade sobre a própria Psicologia, técnica essa que não guarda nenhuma relação “técnica” com o saber da própria Psicologia<sup>21</sup>, é expressa da seguinte forma: “*O que nós vamos fazer com a ferida que a gente se deparar na nossa história? Ou se a gente visitar esses lugares de novo por meio da escrita, por meio de uma terapia, o que que a gente vai fazer com a verdade que veio à tona sobre nós?*”

Embora, pois, valendo-se de técnicas da Psicologia para propor um caminho de conhecimento de si para seus ouvintes, opera-se a ideia de uma inferioridade desse saber sobre aquilo que ali se vive, ou seja, a fé, a mística, a espiritualidade, embora ela não seja o assunto central do conteúdo ou mesmo nem sequer seja nomeada como

---

<sup>21</sup> Ou seja, utilizar-se de referências de um saber não confere a tais usos a expertise do saber em questão. Além da Psicologia, temos identificado também usos da Antropologia por parte da Comunidade, quando lemos diversos textos apontando para a ideia de uma “antropologia do homem shalom”, o que nos parece dar mostras de um certo investimento em busca de legitimar-se, a partir da linguagem das Ciências Humanas, na produção de um saber que seja tido bem mais como “técnico” e “científico” do que como “religioso”.

expectativa final do que ali se discute. Não há menção aos feitos da oração, mas tão somente aos feitos do autoconhecimento, aos feitos da psicologização da experiência religiosa.

***Live 02, o aceitar-se como amor que transforma.***

Nessa *live* partiu-se da ideia de que a santidade era, antes de tudo, a “*experiência de uma vida madura, de uma vida plena, de uma vida feliz*”; ou seja, os santos eram, antes de tudo, pessoas que se conheciam, realizadas em suas existências humanas, que haviam passado pelo processo do autoconhecimento e da aceitação, que podiam asseverar seu amadurecimento (termo humano, e não religioso), significando isso que “*viver uma vida santa é possível pela força do autoconhecimento*”.

Ser santo seria conhecer-se, amadurecer, seria algo no plano do desenvolvimento humano, ao passo que “*a falta do autoconhecimento nos vai prendendo, nos vai aprisionando e muitas vezes nos vai deixando longe da verdade de quem somos nós*”. A verdade sobre si não estaria na mística, mas na maturação do humano. Verdade, santidade, conhecimento de si - os termos vão se imbricando, para formar uma só coisa, ou produzir um só sentido: a centralidade do humano, do psíquico.

A vida de oração verdadeira, segundo o que se disse, produz um efeito de “*olhar para você e reconhecer que tem limitações, necessidades, qualidades, distúrbios, algumas fraquezas*”. Isso parece ser importante: o fruto da vida de oração não se constitui mais como graças sobrenaturais, feitos místicos ou mesmo a conversão *tout court*. A vida de oração produz “*psicologia*”, não mística; produz o saber sobre limitações, necessidades, qualidades etc. Coisas humanas reveladas pela dimensão espiritual, não mais vida espiritual revelando coisas espirituais.

No processo de descoberta de si, de autoconhecimento, “*tantas coisas, tantas histórias, tantos traumas... onde Deus está dentro de você? Qual é o lugar de Deus dentro de você?*” Essa ideia é muito importante: Deus ocuparia um lugar junto com outras coisas (qualidades, necessidades, distúrbios, traumas etc) que comporiam a estrutura mental da vida interior de cada um dos sujeitos. A oração produziria conhecimento sobre a vida mental de cada um; mística e psicologia juntas.

O que seria, então, o “*aceitar-se*”? Seria um processo complexo de “*aceitação da sua história*”, daquilo que se viveu humanamente, de modo biográfico. Aquilo que se

foi e de que não se pode fugir. Não mais a “história da salvação universal”, a criação do mundo, a vinda de Cristo etc, mas a “minha vida”. Nesse aspecto, não se trataria apenas de olhar para o seu passado, “*com olhos fixos no retrovisor*”; mas, “*aceitar que a vida já está acontecendo*”. Viver, estar num presente humano, num presente existencial seria a condição necessária para o exercício da aceitação de si, que levaria à aceitação do divino em sua própria história pessoal.

***Live 03, o “supera-te” como momento de uma vida nova.***

Antes de tudo, cumpre registrar a ideia projetada sobre o “supera-te” nas palavras ditas pelos próprios condutores da *live*: “*quando nós vamos viver nessa dinâmica de superação, quer dizer que nós já tomamos consciência e já temos a vida nas nossas mãos*”. Depois das pregações sobre as dinâmicas envolvidas no “aceitar-se” e no “conhecer-se”, cumpria fazer o registro do objetivo a ser produzido pelo “desafio”: ter a própria vida em suas mãos. A centralidade dos sujeitos, do si, uma vez que não se tratava de um desafio a “superar algo”, o que envolveria uma ideia de largar, deixar de mão, soltar; não, aqui se tratava de “superar-se a si mesmo”, o que envolve, ao mesmo tempo, tomar-se e soltar-se. Ser-se para não ser-se.

Há um eu no início de tudo, que se põe no jogo de “aceitação de si”; esse eu prossegue, conhecendo-se; e finaliza na sua auto-superação. No começo, no meio e no final do processo, a centralidade do si.

Superar-se é definido, assim, como “*um caminho de transformação da minha própria história*”, daquilo que eu preciso conhecer, porque o vivi, sem o qual eu não me seria a mim mesmo; em contrapartida, esse conhecer-se se processa para que se venha a superar, a não mais contar com isso, pois uma vez conhecido e aceito, deverá ser rejeitado como “*uma mentira sobre mim mesmo*”.

Esse trecho guarda uma complexidade sem igual: o ato de conhecer-se, tomar consciência de si, produz o conhecimento sobre o mundo que está ao seu redor, e que interfere na própria história de quem se conhece e se conhece à medida em que conhece o que seria a “vontade de Deus”. Mas, o processo de conhecimento de si, que leva à consequente aceitação, é o mesmo que produz a ideia de superação de si, de transformação para uma outra forma de vida, que tem origem em processos de conhecimento que são, antes de tudo, mentais. A necessidade da superação de si diz

respeito ao imperativo de transformar dificuldades em “*degraus*” para se ultrapassar, numa imagem de escada em que se avançam degraus rumo a um topo onde se pretende chegar, que se pretende alcançar. É uma superação de limites, sendo o si mesmo “o” limite.

Não haveria como se produzir conhecimento sobre si sem esse movimento rumo a uma contínua superação de si, vencendo medos que paralisam: “*não tem sentido eu viver um conhecimento, eu viver a aceitação e o não me superar*”. Há a necessidade de “partir”, cortar, seccionar aquilo que eu sei ser o meu eu.

Logo, conhecer-se, aceitar-se, viver com uma nova realidade (a certeza dos limites e entraves) é a superação de si. A ordem é uma só: “*Se supere*”.

Um momento interessante da *live* foi a informação de que não se poderia esperar “soluções mágicas” ou “idas à capela” para que, por meio de “uma oração”, o sujeito se visse com sua vida transformada; não, nada disso: importa “*entender quem somos, aceitar quem somos, e traçar metas para nos superar*”. A superação de si é fruto do planejamento, das metas, do cálculo, de um trabalho bastante humano. *Psicologia* em vez da *mística*; sujeitos planejadores, com metas claras, em vez de sujeitos orantes, com graças a serem recebidas. A superação de si como fruto do planejamento da superação!

### Considerações finais

Constituiu-se como nosso objetivo, dentro do presente dossiê, apresentar uma reflexão sobre os usos da Psicologia pela religião tal como se tem processado em nossos dias. Tomando como *córpus* de análise um conjunto de três *lives* realizadas pela Comunidade Católica Shalom (uma das expressões do catolicismo carismático), realizamos um estudo de caso que nos possibilitou levantar algumas questões pertinentes às relações entre religião e saber psicológico numa sociedade cada vez mais centrada nas questões em torno do indivíduo, aqui entendido como o “si”. A primeira dessas questões, por óbvio, não podia deixar de ser a possibilidade de a religião fugir dos ditames de uma sociedade cada vez mais individualizada, ou em que a centralidade é conferida não mais a laços comunitários em si mesmos, mas tão somente enquanto eles podem dar suporte às diversas exigências constituintes dos sujeitos, hiperindividualizados.

Em seguida, nos pomos a observar como tais exigências operam uma maior circulação dos saberes produzidos pela Psicologia, cujos termos vão se popularizando e vão cercando diversos outros saberes, conferindo a estes a exigência de também e voltarem para a produção de considerações sobre os sujeitos, entendendo-os como os suportes e os agentes por excelência das estruturas sociais, em geral, e das próprias estruturas da religião, que passa a ser compreendida como refúgio de indivíduos bem mais do que pela ideia de um “povo escolhido”. Essa mudança, contudo, não encontra empecilhos de se realizar ente católicos carismáticos que, como pentecostais, não apresentam obstáculos à compreensão da fé como algo experimentado e testemunhado em nível pessoal, como uma experiência da qual se apossa.

Mas, no caso aqui analisado, o do desafio “supera-te”, observou-se uma transformação acentuada naquilo que era a mensagem soteriológica do próprio catolicismo, que sempre pôs ênfase nos laços comunitários que conduzem à experiência necessária da fé. Com o “si” ocupando o eixo central do processo de mudança e conversão, o que acontecerá com os laços que constituem a ideia de “igreja”, “assembleia”? Teremos, num futuro próximo, uma “assembleia” de si mesmos? E a história coletiva da salvação tomará a feição de uma história de diversos eus?

### **Referências bibliográficas**

ALVES, Elton da Silva. Um percurso antropológico-bíblico para delinear traços da Antropologia Shalom. **Revista Parresia**, 2019, Fortaleza, CE; vol. 1, n.1, p. 10-41.

BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A individualidade numa época de incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BENNETT, Laraine. **O temperamento que Deus me deu: a chave de ouro para conhecer a si mesmo, se relacionar bem com o próximo e se aproximar mais de Deus**. Campinas, SP: Ecclesiae, 2020.

BERGER, Peter. **Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências**. 2.ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2000.



CARRANZA, Brenda. Tendências da neopentecostalização católica In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. **Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2008.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: EdUSP, 2009.

FERREIRA, Pe. Wagner. **A formação da consciência moral nas Novas Comunidades**. São Paulo: Editora Canção Nova, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Dizer a verdade sobre si**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FURSETH, Inger; REPSTAD, Pal. **Sociologia da Religião: perspectivas clássicas e contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. São Paulo: Ayiné, 2018.

HENRICH, Dieter. **Pensar e ser si mesmo: preleções sobre a subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ILLOUZ, Eva; CABANAS, Edgar. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: EdUnifesp, 2013.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MACEDO, Edir. **Como vencer suas guerras pela fé: descubra como enfrentar as batalhas do dia a dia**. São Paulo: Unipro, 2019.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. **PVP – Projeto de Vida Pessoal**. S/l, s/d.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. **Ao amor da minha vida: cartas de Deus para você**. 6.ed. Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2008.



NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. **Caminho de conversão:** caderno de oração. Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2010.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. **Leve a sério sua vida espiritual:** oração aos moldes de Teresa. 2.ed. Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2017.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. **Como transformar a dor em amor.** Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2018.

**És precioso:** 10 dias de oração para a cura da autoimagem. Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2021.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo; LEMOS, Silvia Maria Lima. **Tecendo o fio de ouro:** roteiro para a cura interior, autoconhecimento e projeto de vida. 2.ed. Fortaleza: Edições Shalom, 2003.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo; PERDIGÃO, Germana. **Nas mãos do oleiro:** formação para as Novas Comunidades. Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2011.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Viver em Comunidade para a missão:** um chamado à vida religiosa consagrada. São Paulo: Paulus, 2013.

PAIVA, Gerardo José de. Psicologia da religião In: PASSOS, João Décio *et all* (orgs.). **Dicionário de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulus, 2022.

PERDIGÃO, Germana. **Manual de formação pessoal.** Aquiraz, CE: Edições Shalom, 2015.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2.ed. São Paulo: EdUSP, 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth. **O eu soberano:** ensaios sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SANTOS, Gilmar. **Deus transforma o seu temperamento.** Goiânia: Cristo para Todos, 2012.

SILVA, Emanuel Freitas da. (Des)Confiança mútua? A política das relações entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a Renovação Carismática Católica. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, 2017, v. 7, n. 2, p. 116-140.

SILVA, Emanuel Freitas da. Novas Comunidades: a retomada “carismática” da tradição católica? **Conhecer - debate entre o público e o privado**, 2020, v. 10, p. 35-57.

**A renovação da tradição católica em Fortaleza.** Fundação Waldemar Alcântara: Fortaleza, 2023.



SILVA, Emanuel Freitas da; LEÃO, Andrea Borges. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2020, vol. 40, n. 2, pp. 195-214.

SOUSA, Ronaldo José de. **Comunidades de Vida**: panorama de um fenômeno religioso moderno. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

TOURAINÉ, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. **A busca de si**: diálogo sobre o sujeito. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.